

Capital S/A

SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br



Sonhar é acordar-se para dentro
Mario Quintana

Divulgação



Mercado de revenda de imóveis no DF está aquecido

A valorização dos imóveis de revenda no DF teve uma variação positiva bem maior do que os principais índices de preços relevantes no mercado, como o INCC (2,83%) e o IPCA (4,15%), se analisado o acumulado de 12 meses. De acordo com Índice Secovi, que mede a variação de preços do segmento, houve alta de 13,56% em 12 meses. O maior preço médio por m² entre os apartamentos de revenda foi encontrado no Noroeste em imóveis de 3 quartos, registrando R\$ 15,1 mil. Já entre as casas, o maior preço médio nominal foi registrado no Lago Sul, de R\$ 4,5 milhões. O acumulado do VGV — volume geral de vendas é R\$ 17,34 bilhões no último ano.

Novos empreendimentos

O Boletim de Conjuntura Imobiliária de setembro do Sindicato da Habitação do Distrito Federal confirma que o setor segue aquecido neste segundo semestre do ano. O levantamento apontou que até o final de agosto de 2023 foram realizados 39 lançamentos no Distrito Federal. Noroeste e Águas Claras foram as regiões que mais receberam novos empreendimentos, com 8 cada.

Aluguel

No segmento de imóveis para aluguel, o Índice Secovi de locação, apresentou uma pequena variação negativa de 0,38% em agosto, mas no acumulado de 12 meses teve valorização de 7,9%, superior ao principal índice de inflação, o IPCA.

Rentabilidade

Quanto à rentabilidade, retorno que o aluguel proporciona em relação ao valor venal do imóvel, estão em destaque apartamentos de 1 quarto em Sobradinho (0,62% ao mês), seguido pelos de 1 quarto no Noroeste (0,56% ao mês). Especificamente em relação a casas, a maior rentabilidade foi a de 2 quartos em Ceilândia, Samambaia, Taguatinga e Sobradinho, entre 0,6% e 0,84% ao mês.

Summit Sincorfarma DF

Será realizado amanhã o primeiro Summit Sincorfarma DF voltado a donos de drogarias, gestores e gerentes. O evento ocorrerá no Teatro Newton Rossi, no Sesc da Ceilândia, a partir de 12h30. Entre os palestrantes Cadri Awad do Instituto Bula, Bruno Moura da FarmaContabil, e Inácio Louvain, conhecido por ser um farmacêutico visionário. Eles pretendem compartilhar insights sobre temas como proteção de lucros, planejamento tributário e estratégias para expandir negócios farmacêuticos.

Sincorfarma DF/Divulgação



Inovação e Networking

"Será uma oportunidade para conectar-se com os melhores mentores e colegas do setor. Uma chance única de elevar sua carreira e seus negócios para um novo patamar", destaca o presidente do Sincorfarma, Erivan de Souza Araújo. A programação também inclui conteúdo sobre justiça trabalhista e inovação digital na saúde. As inscrições são gratuitas pelo site do Sincorfarma, mas as vagas são limitadas.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Stopover: companhias aéreas lançam serviço de parada gratuita em Brasília

A possibilidade de se fazer o stopover em Brasília nasceu de uma parceria entre o Ministério do Turismo, junto da LATAM e GOL, para desenvolver ações voltadas ao estímulo de viagens no Brasil. A partir de agora, passageiros podem ficar entre dois e três dias no Distrito Federal, sem custo adicional na tarifa, antes de chegar ao destino na ida ou volta. O serviço deve ser solicitado na compra da passagem e a permanência mínima é de 12 horas.

Estímulo ao turismo

A capital federal, depois de São Paulo, está sendo a segunda unidade do país a ser contemplada com a iniciativa. O stopover é uma oportunidade para quem está em conexão conhecer Brasília e todos os atrativos que a cidade tem a oferecer. Empresários e empreendedores locais também passam a ter mais uma oportunidade de ampliar seus negócios.

Brasília Mais TI

Nesta semana, será realizada a 5ª edição do *Brasília Mais TI*, organizado pelo GForTI, que reúne oito entidades do setor de tecnologia. Com apoio do Sindicato da Indústria da Informação/DF e do Sebrae, o evento ocorrerá no Clube de Engenharia. Com o foco na Inteligência Artificial, a programação conta com 10 painéis, que serão apresentados entre quarta-feira e quinta-feira. Um, em especial, com a esperada presença do governador Ibaneis Rocha, tem o tema *Conectando Espaços e Pessoas; o futuro tecnológico da nossa cidade*.

Getty Images



PESQUISA / Levantamento da Associação Brasileira das Empresas de Benefícios ao Trabalhador mostra que o preço médio para comer fora de casa, no último ano, subiu 24,2% no Distrito Federal. A salvação ainda é levar a marmita

O peso de comer fora de casa

» PEDRO MARRA

Para um bar ou restaurante e comer fora de casa ficou 24,2% mais caro no prato dos brasilienses, desde o ano passado, com aumento médio de R\$ 33,37 para R\$ 41,45. É o que mostra a pesquisa Preço Médio da Refeição Fora do Lar, realizada pela Mosaiclab, empresa de inteligência de mercado, do grupo Gouvêa Ecosystem, e encomendada pela Associação Brasileira das Empresas de Benefícios ao Trabalhador (ABBT).

Gerente do restaurante Capital Grill, no Setor Bancário Sul (SBS), Max Willian, 25 anos, diz que a alta nos custos dos insumos, principalmente a carne vermelha, subiu cerca de 40% e alavancou o valor da comida. "O impacto disso no restaurante é que nós precisamos de uma margem de lucro. Não gosto de assustar os clientes e colocando um prato que dê R\$ 60 ou R\$ 70, que é o preço de uma grande franquia."

Para chegar ao preço médio, a pesquisa considera uma refeição completa composta por: prato principal, bebida não alcoólica, sobremesa e café. Nesse combo, Max conta que a maioria dos clientes opta por pagar de vale refeição. "Esses cartões de ticket alimentação têm uma taxa (de cobrança) muito alta. Mas como não gosto de cobrar preços exorbitantes, dou desconto de 10% aos bancários e terceirizados que trabalham por aqui, que é uma forma de não perder clientela", assegura o comerciante.

O levantamento mostra que Brasília é a terceira cidade do Centro-Oeste com maior preço médio, atrás de Cuiabá, com R\$ 42,63, e Campo Grande-MT, com R\$ 49,17. Apesar deste cenário, o técnico em informática Fábio Lopes, 28, costuma

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Geovana Ramos (D), 25, almoça na rua há cerca de um mês com colegas de trabalho, mas já percebeu que o ideal é levar a comida de casa

almoçar na rua com o vale refeição da empresa. "Normalmente, vou em restaurantes self-services e pago em torno de R\$ 45. No ano passado, eu pagava R\$ 35. Mas como uso o vale alimentação da empresa, é bom e economizo meu salário."

O técnico de informática entende que o ideal seria levar comida de casa para o trabalho. "Opto por não comer tanto e ter uma alimentação mais saudável. Estou fazendo acompanhamento com nutricionista e tendo uma alimentação mais balanceada."

Em 2023, a pesquisa foi realizada entre junho e agosto de 2023, em 4.516 estabelecimentos

comerciais, 22 estados e o Distrito Federal. No total, foram coletados 5.470 preços de pratos em todo o Brasil, em estabelecimentos que servem refeições no horário do almoço, de segunda a sexta-feira. No ano passado, o levantamento foi feito entre fevereiro e abril.

O valor apurado, neste ano, no Centro-Oeste, é de R\$ 41,75, preço médio 22,1% superior ao de 2022. Mesmo assim, ficou abaixo da média nacional, de R\$ 46,60, considerando-se a categoria de autosserviço, restaurantes a quilo e a la carte. A alta dos números assusta a analista de software Geovana Ramos, de 25 anos.

Ela passou a almoçar com colegas de trabalho, há cerca de um mês, no Setor Bancário Sul e com para os valores cobrados no Plano Piloto em relação a Samambaia Norte, onde mora. "Eu pagava R\$ 25 no ano passado, na minha cidade, e aqui chega a R\$ 40, dependendo do local", relata. Para poupar um pouco o salário, quando almoça no intervalo do serviço, Geovana leva a alimentação de casa.

Economia

Na avaliação do professor de Economia do Ibmec William Baghdassarian, o fato do preço

dos alimentos ter ficado, em média, acima de 10% da inflação nacional, influencia no valor final. Para ele, outro fator é a mão de obra para sustentar funcionários, principalmente quando há escassez dela. "Isso acaba pressionando o salário dessas pessoas. Em muitos lugares, elas têm que pagar dois ou três salários mínimos, e isso aumenta os custos. Toda vez que tem um aumento dos insumos ou salários, há uma margem menor no final, recomendada com elevação dos preços", analisa o especialista.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), o salário médio no Centro-Oeste era de R\$ 3.396 quando a pesquisa foi iniciada, em junho deste ano. O gasto médio para o trabalhador da região central do país consumir um prato de refeição é de R\$ 728,20. Isso significa que é necessário investir 21,4% do salário médio mensal apenas com alimentação de qualidade para almoçar fora de casa. "A solução é levar comida de casa e tentar refrigerar bem o alimento ou tentar economizar buscando restaurantes mais baratos", aconselha Willian.

Ricardo Contrera, sócio-diretor da Mosaiclab e responsável pela pesquisa, avalia que, apesar da alta nos preços, os estabelecimentos têm feito um grande esforço para enfrentar as oscilações da economia. Entretanto, ele cita uma série de reajustes, como os dos combustíveis, gás de cozinha, energia elétrica e aluguel comerciais, que obrigam o comércio a se adaptar para não ter grandes prejuízos e inviabilizar os negócios. Para ele, é determinante a alta da taxa de juros no preço final da comida nos restaurantes.

"O aumento de preços das refeições é diferente de acordo com a realidade local. Vários fatores podem influenciar tais como hábitos de consumo, dos impostos, do frete, do clima e de outros indicadores", detalha Contrera. Nesse sentido, o cenário econômico pós-pandemia é outro ponto que reflete nos preços. "Na pandemia, boa parte dos estabelecimentos ficaram fechados, atendendo basicamente via delivery. Muitos reduziram seu quadro de pessoal, mas tiveram que arcar com as altas taxas de entrega", conclui o responsável pela pesquisa.